



A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Nailde da Silva Doria [*]

Sandra Novais [**]

Milene Bartolomei [***]

RESUMO

O presente artigo tem como objeto de estudo a contação de histórias, verificando como se dá o processo de aprendizagem por meio da contação de histórias na formação inicial do docente. Partimos da concepção de que o contato com a literatura infantil, por meio da arte de contar histórias, pode levar a criança ao encantamento próprio, às experiências artísticas, o que pode despertar na criança o interesse pela leitura por prazer. Os procedimentos metodológicos consistiram em pesquisa bibliográfica e documental, de caráter qualitativo e exploratório, bem como a aplicação de questionários aos alunos do 1º ao 8º semestre do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (Faed) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Como resultados, apontamos que nas produções acadêmicas analisadas foi possível identificar um movimento a favor da inclusão da aprendizagem da arte de contação de histórias nos cursos de formação inicial de professores. No que se refere aos questionários, os resultados mostraram as fragilidades do curso de Pedagogia/Faed em abordar a temática da contação de histórias, ao mesmo tempo em que revelaram a compreensão dos acadêmicos da necessidade de investimento em seu desenvolvimento profissional, buscando outras fontes de aprendizagem das técnicas e metodologias de contação de histórias.

Palavras-chave: Pedagogia. Formação Inicial. Contação de histórias.

[*] Graduanda em Pedagogia (UFMS). Secretaria Municipal de Educação de Santa Isabel do Pará – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6875-7451> - e-mail: nailde.doria@gmail.com.

[**] Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5965-1954>. E-mail: sandra.novais@ufms.br.

[***] Doutora em Saúde e Desenvolvimento – Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento/UFMS – ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8947-3071> – E-mail: milene.silva@ufms.br



INTRODUÇÃO

A contação de histórias é uma ação semelhante ao brincar e envolve a imaginação, bem como diversas possibilidades criativas e originais de representar o mundo. A leitura é um ato de interação, que traz contribuições quando inserida no cotidiano das escolas, uma vez que, conforme Kleiman (2001), o ato de ler – e podemos acrescentar, de ouvir histórias – envolve a interação entre o leitor – ou ouvinte - e o seu conhecimento linguístico, textual e de mundo, caracterizando-se essencialmente como um processo interativo.

Para a criança, esse momento de interação contribui para o desenvolvimento dos processos cognitivos, emocionais, intuitivos e criativos, pois desperta a imaginação, a criatividade, a atenção e a memória:

Ouvindo histórias, a criança aprende pela experiência a satisfação que uma história provoca; aprende a estrutura da história, passando a ter consideração pela unidade e sequência do texto; associações convencionais que dirigem as nossas expectativas ao ouvir histórias; o papel esperado de um lobo, de um leão, de uma raposa, de um príncipe; delimitadores iniciais e finais ('era uma vez... e viveram felizes para sempre') e estruturas linguísticas mais elaboradas, típicas da linguagem literária. Aprende pela experiência o som de um texto escrito lido em voz alta (SIMÕES, 2000, p. 23).

É possível, assim, compreender a importância da contação de história para o desenvolvimento integral da criança, bem como para a sua formação como leitor e apreciador tanto da leitura literária como de outros tipos de leitura encontradas nas práticas sociais, pois, de acordo com Abramovich (2009, p. 143), a literatura contribui para o desenvolvimento da criticidade, uma vez que, a partir dela, a criança “[...] pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar...pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião”. Segundo a autora, a escuta de histórias é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, ampliar o vocabulário, descobrir e compreender o mundo.

Em suas origens, entretanto, a literatura infantil servia a outros propósitos. David (2016, p. 68) aponta que a literatura voltada às crianças teve início no século XVII, com Fenélon (1651-1715), e visava a educação moral dos leitores, por meio de histórias repletas de “[...] informações maniqueístas que tinham como objetivo transmitir aos leitores o bem a ser



aprendido e o mal a ser desprezado.” Dessa forma, os contos e relatos buscavam incentivar determinadas condutas, sendo os personagens modelos de condutas a serem (ou não) seguidas pelos leitores.

O conceito de literatura infantil que utilizamos nessa pesquisa, no entanto, dialoga com o que define Coelho (2000, p. 27), quando afirma: “Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é Arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização”.

Nessa perspectiva, concordamos com Zilbermam e Magalhães (1984, p. 25) quando apontam que a relação “[...] entre o ato lúdico característico da infância e a imaginação literária” precisa ser considerada quando se planeja intencionalmente a inclusão da literatura infantil no cotidiano das crianças. Para tanto, Coelho (2008, p. 14) enfatiza a necessidade de que a história escolhida “[...] seja adequada à faixa etária, atenda aos interesses dos ouvintes e ao objetivo específico que a ocasião requer”, respeitando-se ainda “o estilo e o gosto artístico do narrador”.

A arte de contar história vai muito além de simplesmente ler um conto, poema, fábula ou conto de fadas. O contador – e aqui tratamos especificamente do professor - precisa dar vida aos personagens e à história contada, dar importância à entonação de sua voz, à sua postura corporal e facial nas exclamações, interrogações, gritos ou sussurros, de forma que as crianças possam criar imagens mentais dos suspenses, medos, alegrias e outras emoções presentes nas em cada fala dos personagens, em cada ação descrita no enredo. Sob essa ótica, Silva (2019) pontua sobre as possibilidades metodológicas de contar histórias com e no corpo, compreendendo este como um todo expressivo em sua totalidade de gestos e vozes. Para a autora, contar histórias significa se utilizar também do corpo, gesto e movimento, mas a maioria dos professores só têm contato com a contação de história quando vão atuar profissionalmente, aprendendo a teoria e a prática já em sala de aula.

Micarello e Baptista (2018) apontam que a leitura literária articula ciência, arte e vida, e o docente precisa compreender e ter o domínio dessa articulação para poder atuar como mediador junto às crianças. Em uma contação de histórias, o professor pode fortalecer os vínculos afetivos com as crianças e abordar tanto assuntos do cotidiano como temáticas



complexas – como morte, abandono, adoção, relações étnico-raciais, desigualdade social, entre outras.

Dessa forma, ouvir uma história pode contribuir para que, por meio da imaginação, a criança acesse novos tempos, espaços e universos, enriqueça seu vocabulário, amplie o seu conhecimento do mundo físico, social e cultural, compreendendo, de maneira lúdica, a sociedade na qual estão inseridas, suas culturas, religiões, crenças e valores.

Criar espaços e tempos de qualidade e bem planejados para aproximar as crianças da literatura, sobretudo por meio da contação de histórias, pode contribuir para a construção de memórias afetivas relacionadas ao livro e à leitura, deixando assim marcas positivas e duradouras em suas vivências escolares.

No entanto, é possível questionar: como os cursos de formação de professores têm trabalhado essa temática? Os currículos, sobretudo dos cursos de Pedagogia, abordam a contação de histórias como parte essencial da formação do professor da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental?

Nesse sentido, o objetivo do presente artigo é compreender como se dá o processo de aprendizagem da arte da contação de histórias na formação inicial do docente. Para nos aproximarmos da temática, realizamos, primeiramente, uma revisão ou mapeamento das pesquisas acadêmicas produzidas nos programas de pós-graduação em Educação, o que será apresentado na próxima seção. Em seguida, analisamos dados de um questionário tipo survey aplicado a acadêmicos do oitavo semestre do curso de Pedagogia/Faed/UFMS, com o intuito de observar, na percepção desses licenciandos, o quanto consideram que foram preparados ao longo de sua graduação para incluir a contação de histórias em sua prática profissional.

LITERATURA INFANTIL E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS: ANÁLISE DE PESQUISAS

Para realizar um mapeamento das pesquisas acadêmicas desenvolvidas em programas de pós-graduação stricto sensu que se aproximavam da temática realizamos uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível



Superior (Capes) utilizando os descritores “contação de histórias” e “pedagogia”, combinados entre si¹, tendo como resultado oito produções, sendo seis dissertações e duas teses.

Os critérios de inclusão das produções foram: produções acadêmicas, defendidas em programas de pós-graduação em Educação, que trataram da formação docente do pedagogo para a contação de histórias, depositadas a partir de 2013. O intervalo temporal se justifica pelo fato de que a Capes não disponibiliza os metadados de pesquisas anteriores a 2013. Os critérios de exclusão foram: pesquisas anteriores a 2012, defendidas em programas que não fossem da área da Educação e/ou que não tratassem da formação inicial do pedagogo.

Dessa forma, dos oito resultados retornados pelo repositório da Capes, cinco produções não foram selecionadas: uma pesquisa de Mestrado em Artes Cênicas, uma pesquisa de Mestrado em Fonoaudiologia, três pesquisas de Mestrado em Educação que abordavam, respectivamente, a contação de histórias em ambiente hospitalar, em um projeto de assistência social e em uma escola que utilizava a metodologia denominada Pedagogia Waldorf.

O Quadro 1 traz uma síntese das principais informações das três pesquisas selecionadas: título, autor/ano, Instituição de Ensino Superior (IES) e palavras-chave.

Quadro 1 - Teses e Dissertações selecionadas

Título	Autor/ ano	IES	Palavras-chave
A “contação de histórias” no currículo do curso de Pedagogia da Faculdade Metodista Granbery	GAMA, Ana Beatriz Bolivar da (2017)	Universidade Católica de Petrópolis	Contação de Histórias. Currículo. Pedagogia.
A contação de histórias na extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica	SILVA, Carla Elisabete Cassel (2016)	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Extensão Universitária. Contação de Histórias. Projeto de Extensão. Experiência. Narrativa.
Criação e contação de histórias: um jogo de dados como ação poética e sua contribuição na formação inicial	FERREIRA, Simonica da Costa (2020)	Universidade Presbiteriana Mackenzie	Contação de histórias; Jogo; Pedagogia; Arte; Formação inicial docente

¹ Utilizamos a fórmula: "contação de histórias" AND "formação docente". O operador booleano AND funciona como a palavra “E”, fornecendo a intercessão, ou seja, mostra apenas resultados que contenham todas as palavras-chave digitadas.



docente			
---------	--	--	--

Fonte: produção das autoras.

Para a análise das produções, consideramos: o objetivo, a metodologia, os principais resultados e a conclusão a que chegaram os pesquisadores, sobretudo nas considerações finais, procurando responder à questão: como a contação de histórias é abordada nos cursos e/ou projetos investigados nessas pesquisas?

A tese de Gama (2017) teve como objetivo investigar a origem e os rumos históricos que levaram à introdução da Contação de Histórias no currículo do Curso de Pedagogia da Faculdade Metodista Granbery. Como procedimentos metodológicos, foram utilizados: observações das aulas de “Contação de Histórias” por um semestre letivo; quatro entrevistas semiestruturadas, sendo três com os professores que ministravam a disciplina e uma com a coordenadora do curso; aplicação de questionário a trinta acadêmicos do último período; e análise documental do projeto pedagógico do curso.

A autora afirma, logo de início, que o curso analisado é o único curso de Pedagogia brasileiro que oferece a “Contação de Histórias” em sua matriz curricular. Segundo Gama (2017, p. 74), o percurso histórico dessa inclusão remonta a um projeto, iniciado em 1995, que oferecia oficinas para formação de contadores de histórias e que, à época da pesquisa, contava com “oito grupos fixos de contadores de história na Instituição, formados por alunos do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, ex-alunos, professores, funcionários [...]”.

Ainda sobre o percurso histórico, aponta que

Em 2002, foi criado o Curso de Extensão para Formação de Contadores de Histórias para atender à grande demanda da comunidade extraescolar, a princípio formada, em sua maioria, por educadores. Logo depois, profissionais das mais diversas áreas (medicina, psicologia, filosofia, administração de empresas, terapias em geral) também se capacitaram como contadores de histórias. Desde 2006, a “Contação de Histórias” faz parte da matriz curricular do Curso de Pedagogia da Faculdade Metodista Granbery, primeiramente como eletiva e, posteriormente como obrigatória. (GAMA, 2017, p. 97).

A pesquisadora aponta que no período em que a disciplina era eletiva, o foco maior das aulas era a ampliação do repertório de histórias dos alunos e a formação de professores leitores. Porém, quando se tornou obrigatória e passou a integrar o “Módulo Práxis



Pedagógicas Ampliando Saberes”, houve uma preocupação em articular pressupostos teóricos e práticas de contação em uma abordagem mais ampla e integrada, objetivando desenvolver o saber ouvir, a oralidade e a sensibilidade (GAMA, 2017).

A pesquisadora relata que, durante a observação das aulas da referida disciplina, pode perceber que o professor se utilizou de recursos diversos ao contar histórias para a turma ao início e ao final de cada aula. Segundo Gama (2017, p. 107), “As histórias que eram contadas utilizando algum recurso gestual atraíam de forma significativa a atenção dos alunos. Os gestos e a mímica são acompanhamentos auxiliares, ampliadores ou substitutos da linguagem articulada do contador.” Ressalta, no entanto, que os gestos precisam ser carregados de informações que possam ser identificadas pelo ouvinte, mas sem substituir ou repetir fatos da história.

Em suas considerações finais, Gama (2017) destaca que a inclusão da disciplina obrigatória “Contação de Histórias” contribuiu para o desenvolvimento da comunicação e expressão oral e corporal dos futuros professores, elementos essenciais ao ato de narrar.

A dissertação de Silva (2016) apresentou como objetivo investigar a contribuição do “Projeto de Extensão Universitária Conta Mais” para a formação de acadêmicos de cursos de graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Embora o referido projeto não tenha sido proposto e/ou executado exclusivamente em um curso de Pedagogia, decidimos analisar a dissertação pelo fato de haver entre os cinco entrevistados uma acadêmica que, devido à participação no projeto, havia transferido sua matrícula do curso de Museologia para o de Pedagogia.

Segundo a Silva (2016, p. 41), o projeto investigado foi “[...] desenvolvido no Museu da UFRGS, da Pró-Reitoria de Extensão, com o objetivo de promover a leitura recreativa e a literatura infantil e juvenil.” A ação de extensão focava o assessoramento de alunos e professores quanto à seleção de títulos de literatura infanto-juvenil, visando aproximar alunos, pais e professores da leitura literária.

O projeto formava contadores de histórias que passavam a atender escolas públicas de ensino fundamental de 1º a 5º anos que não possuíam uma biblioteca ou, quando a possuíam, não a utilizavam para realizar atividades de promoção da leitura e literatura. Outros espaços atendidos pela ação de extensão eram a creche, brinquedoteca e museu da UFRGS.



Em relação à contribuição da participação no projeto para os extensionistas, a análise das entrevistas apontou, segundo Silva (2016, p. 100), que “No âmbito pessoal, as palavras comuns dos acadêmicos são a responsabilidade, o amadurecimento, o autoconhecimento, a organização, a disciplina e o crescimento.”

Destacamos, aqui, trechos da entrevista da acadêmica do curso de Pedagogia entrevistada pela pesquisadora. Para ela:

A participação no projeto foi mesmo um divisor de águas. Para minha escolha acadêmica, eu transferi meu curso para a Pedagogia. [...] Do lado pessoal foram infinitas mudanças. Me deixou bem mais segura, isso tu lembra, né? Nitidamente na minha vida pessoal e também profissional. [...] conseqüentemente, na acadêmica vou estar mais segura. Eu comecei a ver por que eu me sentia insegura. [...] Foram muitas coisas ... a disciplina, também, fiquei bem mais disciplinada. Às vezes eu tinha que preparar uma história, eu tinha que me organizar. A disciplina e a organização andavam juntas, porque eu tinha que me organizar para a faculdade, também tinha que me organizar para preparar a história. **São coisas pessoais**, mas que **influenciam na minha formação** acadêmica [...] (SILVA, 2016, p. 101-105)

Entre as principais influências citadas pela acadêmica do curso de Pedagogia em sua formação acadêmica, encontram-se maior segurança na apresentação de trabalhos e melhoria na produção e interpretação de textos, além da satisfação pessoal em sentir que podia encartar as crianças por meio da contação de histórias previamente planejadas: “Eu vi as crianças realmente assim prestando atenção em mim e hipnotizadas pela minha contação. Eu vi que a partir daquilo ali eu virei uma contadora, me senti uma contadora!” (SILVA, 2016, p. 106).

Em suas considerações finais, a autora ratifica a importância da contação de histórias e da literatura para a formação dos acadêmicos em âmbito pessoal e profissional, pois propiciam “[...] outros olhares ao acadêmico extensionista, podendo fazer a inter-relação das histórias que ele conta com a realidade e consigo” (SILVA, 2016, p. 123).

Por fim, a tese de Ferreira (2020) teve como objetivo investigar a contribuição da ação de criar e contar histórias na formação inicial de pedagogos. Como metodologia, a autora indica que realizou uma pesquisa de pesquisa de campo com acadêmicos do primeiro e terceiro semestres do curso de Pedagogia de um Centro Universitário do interior de São Paulo e um terceiro semestre de uma universidade da capital São Paulo. Para cada um destes grupos foi realizada uma sessão em quatro etapas: apresentação de um jogo, denominado “Dados Poéticos”; criação das histórias; encenação; aplicação de um questionário avaliativo.



De acordo com Ferreira (2020), sua intenção inicial era utilizar o jogo de dados somente para incentivar as acadêmicas a contarem histórias, entendendo a relevância dessa aprendizagem para a formação do professor no curso de Pedagogia. No entanto, no primeiro momento em que a pesquisa foi colocada em prática, ela percebeu que a criação de histórias ficou em maior evidência, incluindo, assim, essa etapa na metodologia da pesquisa.

Conforme Ferreira (2020, p. 67), “O jogo foi pensado e criado partindo de quatro cubos e cada um deles com uma temática. O mesmo traz em cada face uma obra de arte que permite a reflexão das mesmas para a criação de histórias que proporcionarão o refletir sobre o que cada imagem traz.”

A dinâmica da atividade é assim explicitada:

- 1) A sala é dividida em grupos de 5 a 8 participantes (isso pode mudar dependendo do número de alunos na sala), após o grupo joga os dados e a obra sorteada será anotada por outro participante do grupo;
- 2) Depois dos dados jogados, o grupo se reúne para pensar sobre as imagens e iniciar uma conversa para uma produção textual tendo em seu conteúdo cada imagem sorteada;
- 3) Após a confabulação da história, inicia-se a produção textual, levando em consideração o que foi conversado e inserindo as obras na história;
- 4) Depois da produção textual, o grupo irá encenar a história. Essa, por sua vez, poderá ser interpretada como o grupo decidir podendo ser em pantomima, teatro, música, poesia, dança e o que mais a imaginação lhes permitir. (FERREIRA, 2020, p. 71).

Em sua tese, a autora traz as histórias produzidas pelas alunas e analisa cada uma a partir das seguintes categorias: praticidade, criatividade e contribuição do jogo para a formação docente inicial; influência das imagens do Dado Poético na produção escrita; linguagens utilizadas na encenação; aprendizagens e contribuições relatadas pelas alunas.

Em suas considerações finais, Ferreira (2020, p. 112) aponta que “O contexto pessoal e coletivo foi evidenciado pelo jogo, trazendo também a valorização de si e do outro, da elaboração do cotidiano, muitas vezes tão sofrido, da contação de histórias de maneira divertida e participativa”. Para a pesquisadora, o jogo contribuiu para acionar processos de criação e experiências significativas relacionadas à produção de textos, oralidade e artes cênicas, possibilitando que os saberes, os olhares, as potencialidades individuais e coletivas fossem evidenciados.

Dessa forma, foi possível observar nas três produções a valorização da inclusão de ações voltadas à formação de contadores de histórias na formação inicial, seja no formato de **Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n.1, p.1-18, e-rte321202318, 2023.**



uma disciplina específica (GAMA, 2017), de um projeto de extensão (SILVA, 2016) ou com atividades lúdicas aplicadas com os graduandos (FERREIRA, 2020).

As três pesquisas apresentaram, ainda, o contexto histórico da contação de histórias, a importância e o conceito de literatura infantil e relevância dada pelos sujeitos de pesquisa à aprendizagem de técnicas e formas de contar histórias.

Nesse sentido, a próxima seção traz os resultados da pesquisa feita com acadêmicos do curso de Pedagogia da UFMS, buscando compreender sua percepção sobre como a contação de histórias é introduzida no currículo e nas práticas docentes no decorrer dos oito semestres do curso.

A FORMAÇÃO PARA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO CURSO DE PEDAGOGIA/FAED/UFMS

O curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (Faed) foi criado na década de 1980, tendo a primeira turma ingressado em 1981. À época, o curso integrava o Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS), o qual foi extinto em 2017, dando origem a três faculdades: a Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (Faalc), a Faculdade de Educação (Faed) e a Faculdade de Ciências Humanas (Fach).

O Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do curso de Pedagogia/Faed/UFMS em vigor no momento da escrita do presente artigo foi aprovado pela Resolução nº 567, de 30 de novembro de 2018, e em sua matriz curricular é possível encontrar apenas uma disciplina optativa, com carga horária de 68 horas, direcionada diretamente à literatura infanto-juvenil, a qual possui a seguinte ementa:

Formação do leitor através da Literatura Infantojuvenil. Características das obras e subgêneros literários. Relação texto-imagem no Livro Infantil. Análise de formas de representação de minorias sociais e identificação de estereótipos de gênero e de grupos étnico-raciais. Critérios para escolha de livros infantis. Oficina de contar história. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, 2018, p. 40).

No entanto, a referida disciplina foi ofertada pela última vez no curso, de forma presencial e com aulas durante todo o semestre, em 2017. Dessa forma, a temática tem sido abordada de forma indireta, geralmente nas disciplinas de Estágio Obrigatório na Educação



Infantil ou nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Em tais disciplinas, quando é solicitada a elaboração de planos de aula ou sequências didáticas, é comum se dar ênfase à necessidade de incluir momentos de contação de história.

Entretanto, encontramos em alguns relatórios de estágio, notadamente nas seções que tratam do período de observação, a descrição de práticas docentes pouco inovadoras no que se refere à contação de histórias. Há, por exemplo, relatos de professoras regentes que liam histórias utilizando o celular, ou docentes da educação infantil que não incluíam momentos de contação porque acreditavam que as crianças eram pequenas demais, não se interessariam ou não se concentrariam tempo suficiente naquela atividade. Sendo assim, para aquelas professoras a prática da leitura de histórias para as crianças pequenas não fazia sentido, pois, na visão delas, as crianças não prestariam atenção ou não compreenderiam as histórias contadas.

Considerando-se que no período de estágio os profissionais que acompanham os acadêmicos na escola se convertem em co-formadores, e também levando em consideração o pouco tempo destinado nas disciplinas de estágio para socializar e problematizar as práticas observadas e as vivências dos acadêmicos durante o período de regência, podemos questionar qual o efeito desses valores e opiniões na formação inicial dos futuros professores.

Dessa forma, para o levantamento da percepção dos acadêmicos sobre a formação ao longo de sua graduação para incluir a contação de histórias em sua prática profissional, foi elaborado um questionário do tipo *survey*, com três questões que versavam sobre como a contação de histórias foi abordada nas disciplinas, suas memórias relacionadas à contação de história na infância e em que medida se sentiam preparados para contar histórias para seus futuros alunos. A pesquisa foi realizada nos anos de 2019 a 2022. O *survey* foi elaborado no *google forms* e o link foi enviado a 257 acadêmicos do 1º ao 8º semestre do curso de Pedagogia/Faed, dentre os quais obtivemos retorno de 35 acadêmicos. Destaca-se que inserimos no próprio formulário o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido.

Questionados se tinham lembranças de algum professor que possuía a prática de contar histórias sua infância, dos 35 participantes 14 responderam que não e 21 responderam que sim. No Quadro 2, trazemos algumas justificativas ou comentários sobre a ausência ou presença de memórias ligadas à contação de histórias:



Quadro 2 - Lembranças sobre contação de histórias na infância

Não, na minha época era muito diferente, nem sequer havia educação infantil, já entrávamos no primeiro ano. Em mil novecentos e bolinhas acredito que a maior parte dos professores só tinham o magistério, o foco era a alfabetização de um modo muito tradicional mesmo. Mesmo assim me valeu a pena, cada tempo com os seus próprios meios, o que não se pode aceitar na atualidade desculpas da parte dos docentes para serem diferentes, pois todos temos a capacidade de aprender, cada um à sua maneira. (Aluna do 5º semestre)
Me lembro vagamente não de professores contando histórias, mas sim alguns projetos externos que visitavam a escola e contavam histórias. (Aluna do 4º semestre)
Não, pois morei no Japão e lá não tinham muitas histórias. (Aluna do 7º semestre)
Sim, uma professora excelente tenho recordações dela até hoje! (Aluna do 7º semestre)
Sim, havia muitos projetos de contração de história no ensino fundamental (Aluna do 8º semestre)
Sim, vagamente. Professora do pré. (Aluna do 8º semestre)
Sim, a professora do primeiro ano (Aluna do 8º semestre)
Sim, na educação infantil (Aluna do 8º semestre)

Fonte: Autora 1 (2022).

É possível observar, pelas respostas, que apenas uma aluna que diz ter lembranças do contato com contação de histórias em sua infância refere-se ao ensino fundamental como um todo, as demais falam em educação infantil ou 1º ano do ensino fundamental. Ouvir seus professores contando histórias, entretanto, pode contribuir para desenvolver o gosto pela leitura, a criatividade, a imaginação, a fantasia e a ampliação do repertório de palavras e tipos de texto, entre outros aspectos, não somente na educação infantil, mas durante todo o processo de escolarização básica.

Para Ferreira (2015), um profissional qualificado é capaz de fazer uma integração entre a criança e o mundo no qual ela está inserida quando insere na rotina escolar a contação de histórias que coloca a criança em contato com um universo que, em alguns casos, é novo para ela. Um professor qualificado sabe utilizar todos os recursos disponíveis para uma contação de história que envolva o aluno, deixando marcas afetivas, como narrado pela aluna do 7º semestre que diz lembrar até hoje de uma excelente professora que contava histórias em sua infância.

Mas, em que medida o curso de Pedagogia da Faed/UFMS tem abordado a contação de histórias na formação inicial desses alunos? Para 15 dos 35 acadêmicos que responderam ao questionário, o curso não os prepara para contar histórias. Já para os demais 20 alunos, há a abordagem da temática em uma outra disciplina ou por algum professor específico, o que mostra a ausência da sistematização de ações para essa formação no currículo do curso. No



Quadro 3, trazemos algumas respostas que mostram a percepção desses acadêmicos sobre essa questão.

Quadro 3 - Percepção sobre a presença da temática “contação de histórias” na formação inicial

Não. Só com os estágios remunerados (Aluna do 8º semestre)
Não muito, em poucas disciplinas (Aluna do 8º semestre)
Não como acredito que deveria. A professora [...] no meu primeiro estágio foi a única que fez questão desse momento. Até a presente data. (Aluna do 8º semestre)
Até o momento só foi dito da importância e etc. da contação de histórias, mas não é exatamente uma preparação. (Aluna do 4º semestre)
Sim, mas porque eu fui atrás de projetos que desenvolviam a contação (Aluna do 7º semestre)
Sim, nas disciplinas de prática infantil e estágio infantil 1 (Aluno do 8º semestre)
Acredito que sim. Durante o PIBID e por conta das vivências do estágio presencial aprendi a fazer contação. (Aluna do 7º semestre)
Sim. Lembro muito da professora [...](Aluna do 8º semestre)
Creio que ocorreu um incentivo por parte de algumas disciplinas e por conta dos estágios (Aluna do 6º semestre)
De certo modo sim, me lembro muito da professora [...], a forma contagiante que ela abordou algumas histórias. (Aluna do 8º semestre)

Fonte: Autora 1 (2022).

Conforme Silva (2019), é possível ensinar práticas de contar histórias com e no corpo, compreendendo este com um todo expressivo, em sua totalidade de gestos e vozes. Para a autora, o professor pode sim atuar sem ser ator, fazer rir sem ser palhaço, a contação de história envolve corpo e alma e com preparação o professor será capaz de realizar este feito com êxito.

Diante deste cenário em que 40% dos alunos que responderam ao questionário não consideram que o curso aborda sistematicamente a temática da contação de histórias, na trazemos a análise da última pergunta: Você se sente preparado para contar histórias para seus futuros alunos? Dos 35 acadêmicos, 24 responderam que sim, sendo que alguns ressaltaram que essa formação não tinha relação com as disciplinas da Pedagogia, e 11 responderam que não, seja por insegurança ou por considerarem que ainda falta prática ou mais conhecimentos.

Quadro 4 - Percepção sobre a preparação para a contação de histórias

Não como deveria, mas tenho buscado recursos fora para isso. (Aluna do 6º semestre)
Não de uma forma extraordinária, que prendesse a atenção deles. (Aluna do 5º semestre)

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n.1, p.1-18, e-rte321202318, 2023.



Sim, por conta dessas experiências anteriores. (Aluna do 2º semestre)
Um pouco sim, por conta de cursos que fiz, mas nenhum relacionado com a faculdade. (Aluna do 4º semestre)
Sim, pois mesmo sem ter tido uma disciplina específica para isso, com o advento da tecnologia é possível a quem queira aprender, ou se inspirar, até porque com a prática cada desenvolve a sua própria técnica. (Aluna do 8º semestre)
Tenho um pouco de insegurança. Mas acredito que com a prática chegaria a um resultado bom. (Aluna do 7º semestre)
Sim, mas não pela formação recebida em sala de aula, mas por pesquisar e estudar sobre o assunto (Aluna do 7º semestre)

Fonte: Autora 1.

Chama-nos a atenção nas respostas de alguns alunos a percepção de que a aprendizagem para a docência, e especificamente para a contação de histórias, tema aqui tratado, não se encerra na formação inicial. Além da prática profissional e do contato com a sala de aula, é essencial manter uma postura de pesquisador e aprendente, compreendendo a importância no investimento em seu desenvolvimento profissional durante toda a carreira docente.

Dessa forma, ressaltamos a necessidade de se garantir aos professores que seu direito à formação continuada em serviço, previsto na Lei nº 9396/1996, será respeitado, seja por meio da elaboração e execução de políticas públicas nacionais, estaduais ou municipais, seja por ações da equipe gestora das unidades escolares

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trouxe como objeto de estudo a arte da contação de histórias, e como ela tem sido abordada na formação inicial do pedagogo. Para nos aproximarmos do objeto, realizamos primeiramente uma pesquisa bibliográfica, tendo como fontes autores que pesquisam sobre a literatura infantil e sua importância para a formação e desenvolvimento da criança. Analisamos, ainda, pesquisas acadêmicas que trataram da inclusão da contação de histórias na formação inicial de professores. Por fim, aplicamos um questionário a acadêmicos do curso de Pedagogia/Faed/UFMS para compreender sua percepção sobre em que medida o referido curso tem contribuído para sua aprendizagem da arte de contar histórias.

Os resultados da pesquisa bibliográfica apontaram a importância da contação de histórias para as crianças. Entre as contribuições dessa prática, destacamos o desenvolvimento da criatividade, imaginação e fantasia, a ampliação do vocabulário e do conhecimento sobre a



estrutura e os tipos de texto, a criação de vínculos afetivos com os professores e a aprendizagem por meio da interação e ludicidade.

No que se refere às pesquisas acadêmicas, foram analisadas três produções, sendo duas teses e uma dissertação, que trouxeram experiências desenvolvidas em diferentes universidades. Gama (2017) apresenta o contexto de inserção da disciplina “Contação de Histórias” no currículo do Curso de Pedagogia da Faculdade Metodista Granbery, Silva (2016) trata de um projeto de extensão desenvolvido na UFRGS e Ferreira (2020) analisa as contribuições de um jogo, criado pela pesquisadora, para a formação dos pedagogos na arte de produzir e contar histórias. Em conjunto, as três produções acadêmicas provocam reflexões sobre a necessidade de se investir em ações que visem formar o pedagogo para atuar como mediador entre a criança e o universo da literatura infantil.

No que se refere ao curso de Pedagogia/Faed/UFMS, foi possível observar que os 35 acadêmicos que participaram da pesquisa apontaram, de maneira geral, as fragilidades do curso em prepará-los para a arte de contação de histórias. Os estudantes que relataram que o curso aborda essa temática evidenciaram a ação individual de um ou outro professor, o que denota não haver uma sistematização curricular do referido curso para aproximar os futuros professores da literatura infantil e de estratégias de contação de histórias que busquem encantar as crianças.

Por outro lado, as respostas ao questionário mostraram que os acadêmicos compreendem a importância no investimento em seu desenvolvimento profissional, uma vez que a aprendizagem da docência – com todas as suas nuances, incluindo a contação de histórias – não se esgota na formação inicial.

Concluimos, assim, que, embora a formação inicial precise propiciar as bases teóricas e metodológicas referentes à importância da literatura infantil e da contação de histórias para o desenvolvimento da criança, faz-se necessário que o direito dos professores à formação continuada seja garantido. Essa formação deve ter como objetivo a constituição de um professor contador de histórias, capaz de transformar assuntos cotidianos em histórias encantadoras para as crianças, que conheça e inclua no seu planejamento as histórias clássicas, que saiba a importância do planejamento para selecionar livros adequados à faixa etária e que faça do momento da contação um espaço privilegiado de fantasia, imaginação e criatividade..



REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 25 set. 2019.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

DAVID, Ricardo Santos. Literatura infanto-juvenil: discussões sobre o panorama histórico e gênero literário e suas características. Produção literária. A prática da leitura na escola e na sociedade. **Cadernos discursivos**, Catalão, v. 1, n. 1, p.66-84, 2016. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/595/o/Ricardo.pdf>. Acesso em 14 out. 2019.

FERREIRA, Aline Holanda Valdevino. **Contando histórias**: uma ponte para o letramento. 108f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015.

FERREIRA, Simonica da Costa. **Criação e contação de histórias**: um jogo de dados como ação poética e sua contribuição na formação inicial docente. 2020. 142 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.

GAMA, Ana Beatriz Bolivar da. **A “contação de histórias” no currículo do curso de Pedagogia da Faculdade Metodista Granbery**. 2017. 268 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2017.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura**: ensino e pesquisa. 2. ed. Campinas: Pontes, 2001.

MICARELLO, Hilda; BAPTISTA, Mônica Correia. Literatura na educação infantil: pesquisa e formação docente. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 169-186, dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.62731>. Acesso em: 14 ago. 2019.

SILVA, Carla Elisabete Cassel. **A contação de histórias na extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica**. 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SILVA, Valquíria Duarte. Contar histórias com e no corpo: uma metodologia da pedagogia performativa na formação continuada docente. 2019. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.



SIMÕES, Vera Lucia Blanc. Histórias infantis e aquisição de escrita. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, p. 22-28, mar. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000100004>. Acesso em 15 set. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Resolução nº 567, de 30 de novembro de 2018**. Aprova o item 7 Currículo, parte integrante do novo Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação, nos termos do anexo desta Resolução. Campo Grande: UFMS, 2018. Disponível em: https://faed.ufms.br/files/2017/07/PPC-Estrutura-2019-567_Item_7_projeto_pedagogico.pdf; Acesso em: 26 ago. 2022.

THE STORYTELLING AND ITS IMPLICATIONS IN THE PROCESS OF PEDAGOGUE FORMATION

The present article has as its object of study the storytelling, verifying how the learning process takes place through storytelling in the initial formation of the teacher. We start from the conception that the contact with children's literature, through the art of storytelling, can lead the child to their own enchantment, to artistic experiences, which can arouse in the child an interest in reading for pleasure. The methodological procedures consisted of bibliographical and documentary research, of a qualitative and exploratory nature, as well as the application of questionnaires to students from the 1st to the 8th semester of the Pedagogy course at the Faculty of Education (Faed) of the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS). As a result, we point out that in the academic productions analyzed it was possible to identify a movement in favor of the inclusion of learning the art of storytelling in initial teacher training courses. As for the questionnaires, the results showed the weaknesses of the Pedagogy/Faed course in approaching the theme of storytelling, at the same time that they revealed the understanding of academics of the need to invest in their professional development, seeking other sources of learning of storytelling techniques and methodologies.

Keywords: Pedagogy. Initial formation. Storytelling.

LA NARRACIÓN DE HISTORIAS Y SUS IMPLICACIONES EN EL PROCESO DE EDUCACIÓN DEL PROFESSOR

RESUMEN: El objeto del presente artículo es la narración de historias, comprobando cómo se da el proceso de aprendizaje a través de la narración de historias en la formación inicial del profesor. Partimos de la idea de que el contacto con la literatura infantil, a través del arte de contar historias, puede llevar al niño a su propio encanto, a experiencias artísticas, que pueden despertar en el niño el interés por la lectura por placer. Los procedimientos metodológicos consistieron en una investigación



bibliográfica y documental, de carácter cualitativo y exploratorio, así como la aplicación de cuestionarios a estudiantes del 1º al 8º semestre de la carrera de Pedagogía de la Facultad de Educación (Faed) de la Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Como resultado, señalamos que en las producciones académicas analizadas fue posible identificar un movimiento a favor de la inclusión del aprendizaje del arte de contar historias en los cursos de formación inicial del profesorado. En cuanto a los cuestionarios, los resultados mostraron las debilidades del curso de Pedagogía/Faed en el abordaje del tema de la narración de historias, al mismo tiempo que revelaron la comprensión de los académicos sobre la necesidad de invertir en su desarrollo profesional, buscando otras fuentes de aprendizaje. de técnicas y metodologías narrativas.

Palabras clave: Pedagogía. Formación inicial. La narración de historias.

Submetido em: 30 de agosto de 2022.

Aprovado em: novembro de 2022.

Publicado em: dezembro de 2022.